

A perspectiva de gênero no jornalismo: os sonhos e as lutas de veículos feministas de Mato Grosso do Sul¹

Ana Laura Menegat de Azevedo²

Ana Beatriz Leal³

Mellissa Lisie Ramos de Souza⁴

Katarini Giroldo Miguel⁵

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO

A pesquisa investiga a realidade de veículos de comunicação independentes de Mato Grosso do Sul que se identificam com a perspectiva de gênero no jornalismo, sendo eles Revista LesbÔ, Revista 180, Revista Empodere e Torna-se Podcast. A primeira etapa da pesquisa foi pautada pelos estudos de gênero (hooks, 2018; SCOTT, 2019; COLLING, 2014), posteriormente nos voltamos à compreensão da perspectiva de gênero no jornalismo (FÍGARO, 2018; GUSTAFSON, 2019; SANTOS, MIGUEL, 2019). Então, realizamos entrevistas com as idealizadoras dos quatro veículos do Mato Grosso do Sul, de forma que este trabalho apresenta as informações obtidas e as nossas considerações.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo com perspectiva de gênero; feminismo; modelo de negócios, Mato Grosso do Sul; movimentos sociais.

Sonhos

Mulheres e realidades distintas se relacionam também na comunicação a partir de seus sonhos e desejos. No Mato Grosso do Sul, as quatro iniciativas de jornalismo com perspectiva de gênero são criadas pautadas na esperança de que há sim revoluções possíveis, tendo a educação, a comunicação e o jornalismo como aliados. Por isso perguntamos: quem faz jornalismo feminista no MS?

Construído através de um processo sociocultural que envolve a ascensão das tecnologias, o jornalismo com perspectiva de gênero surge não só para desconstruir o senso comum (LOPES, 2006), e consequentemente, trazer visibilidade às mulheres e outras minorias à margem do fazer jornalístico padrão que se mantém há séculos, mas também para demonstrar desigualdades de gênero nas redações, nas escolhas de fontes,

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 25 a 27 de maio de 2023

² Estudante do curso de graduação em Jornalismo. Bolsista de Iniciação Científica/CNPq

³ Estudante do curso de graduação em Jornalismo.

⁴ Estudante do curso de graduação em Jornalismo. Bolsista de Iniciação Científica/CNPq

⁵ Docente orientadora da pesquisa.

nas pautas etc. O jornalismo com perspectiva de gênero prioriza o discurso produzido, quem o produziu e sobre quem o discurso retrata (GUSTAFSON, 2019).

Este resumo é resultado da pesquisa de iniciação científica realizada pela acadêmica Ana Laura Menegat de Azevedo, em colaboração com as acadêmicas Ana Beatriz Leal e Mellissa Lisie Ramos de Souza. A pesquisa se iniciou com o mapeamento de narrativas feministas em rede no Brasil, e posteriormente afunilou seu enfoque para quatro iniciativas específicas do estado de Mato Grosso do Sul, sendo elas a Revista Empodere, a Revista 180, a Revista LesbÔ e o Torna-se Podcast, todas geradas na cidade de Campo Grande. Realizamos entrevistas em profundidade com as idealizadoras destas iniciativas e trazemos aqui os principais relatos e nossas inferências.

A “Revista Empodere” (@revistaempodere), foi criada em 2018, como um produto com conteúdo colaborativo a respeito de temas que perpassam as existências de mulheres, pessoas pretas e LGBTQIAPN+. Os conteúdos possuem diferentes formatos, podendo ser um artigo científico, um poema, uma entrevista, uma ilustração, etc. Márcia Paulino (2022), uma das idealizadoras da revista, explica que a motivação foi “falar sobre os feminismos e sobre as questões das mulheres na perspectiva feminista. Existem muitas revistas voltadas para o público feminino, mas não revistas feministas” (PAULINO, 2022).

Também buscavam criar uma maneira de contribuir para a visibilidade de mulheres escritoras, ilustradoras, artistas, poetisas, jornalistas, militantes. “As pautas que mais nos afetam são os feminismos plurais, a busca por igualdade/equidade de gênero, a superação das diversas formas de violência, a interseccionalidade”, elucida. A Empodere também quer criar um espaço de acolhimento para as mulheres, sejam elas colaboradoras ou leitoras da revista. Ela enfatiza que a própria seleção dos conteúdos segue como base as epistemologias feministas, o conceito de gênero e a perspectiva interseccional. “Você pode ver que em todas as edições nós temos uma diversidade de mulheres e de conteúdo. Não dá para reproduzir qualquer conteúdo sem esse olhar de gênero” (PAULINO, 2022).

Idealizado em 2019 pela então estudante de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Gia Martini, o “Torna-se Podcast” (@tornasepodcast), foi criado com intuito de abordar temáticas, a partir do recorte de gênero e das vivências

das mulheres que participam do programa. Ela explica que o nome faz alusão à precursora do movimento feminista, dona da frase “Não se nasce mulher, torna-se”, Simone de Beauvoir. Desde que foi ao ar pela primeira vez, em 2020, Gia Martini coordena toda a produção, edição e publicação de episódios, além de realizar o gerenciamento das redes sociais. O “Torna-se” foi desenvolvido inicialmente como o Projeto Experimental do curso de Jornalismo da UFMS, extrapolou os espaços acadêmicos, mas segue sendo um sonho pausado por falta de financiamento.

Martini (2022) defende que a perspectiva de gênero precisa ser atrelada aos outros atravessamentos que entrecortam as vidas das mulheres, em uma perspectiva interseccional. “A gente conhece podcasts muito grandes do Brasil, sobre mulheres, mas depois de meia dúzia de episódios, percebe que só tem mulher branca, classe média, paulistana”. Como mulher branca, bissexual e de classe média, ela abriu espaço no programa para temas como vivências não-binárias, transexuais e negras, o que enfatiza ainda mais seu compromisso com a interseccionalidade. “Já fiz um episódio sobre maternidade e eu nem quero ser mãe, então como jornalista, devo conduzir essa conversa, e não ser a pessoa que simplesmente contraria e não pauta o assunto porque não quer ser mãe”.

Assim como o Podcast “Torna-se”, outro produto criado no curso de Jornalismo da UFMS foi a “Revista LesbÔ”. Idealizada por Rafaella Moura, teve sua primeira publicação em julho de 2020, de forma impressa e, posteriormente, foi publicada online através do instagram @revistalesbo, no Dia do Orgulho Lésbicas, 19 de agosto. A fundadora Rafaella Moura (2022) conta que a intenção era incluir pautas que englobem as realidades de mulheres lésbicas e as retratem para além das violências sofridas. “Eu acredito que no jornalismo, as lésbicas eram retratadas de uma forma mais sexualizada ou algo ligado mais à violência, então a LesbÔ surgiu de uma insatisfação, eu queria fazer uma mudança nesse cenário” (MOURA, 2022).

Dividida em editorias, as publicações levam às leitoras temas como saúde da mulher, direitos das mulheres, e feminismo. A revista ganhou, em 2021, os prêmios do Expocom Regional e Intercom Nacional, premiações de renome dentro do universo jornalístico. O fato de ser uma revista com temática incomum no mercado, trouxe maior significado para a premiação. “Ganhar com uma produção feita por uma mulher lésbica

para mulheres lésbicas, mostra que é possível chegar nesse público sem que seja com negatividade” (MOURA, 2022).

Já a “Revista 180” foi criada no contexto da pandemia do Covid-19, em 2020. Propondo assuntos acerca de sexualidade, aborto, política e representatividade, a 180 é uma revista independente que produz conteúdo jornalístico crítico sob a ótica de gênero e intersecções. Mariana Alvernaz (2022), representante da 180 e uma das criadoras do projeto, explica que as publicações visam um tipo de jornalismo que defenda os Direitos Humanos.

A jornalista conta que o nome escolhido remete à Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência – Ligue 180, um serviço de utilidade pública gratuito e confidencial, que tem por objetivo receber denúncias de violência, reclamações sobre os serviços da rede de atendimento à mulher e de orientação. “Assim como a Central, a Revista 180 é um canal de comunicação para nós, mulheres” (ALVERNAZ, 2022).

Lutas

As entrevistadas são unânimes em dizer que a manutenção financeira da iniciativa é o principal empecilho, pois só o jornalismo feminista, ou com recorte de gênero, não tem alcance, divulgação e renda suficiente para manter uma redação e nem uma publicação constante. “Podcast dá trabalho e o meu público gosta de episódios longos e conteudistas, o que é complicado manter quando se trabalha e estuda, além do projeto”, comenta Gia Martini (2022). O “Torna-se”, a exemplo de outras publicações independentes, não possui fontes de financiamento. Segundo a idealizadora, os acessos e reproduções do podcast não têm alcance suficiente para geração de renda. “Meu sonho é um dia conseguir tirar remuneração, mas seria de forma orgânica, porque acredito que quando tudo isso virar um trabalho onde tenho que atingir metas, perderá a autenticidade” (MARTINI, 2022).

Mariana Alvernaz (2022) explica que na 180 não há rotina produtiva, de forma que ao longo dos anos a equipe foi se transformando e hoje, com apenas três integrantes, elas fazem o que conseguem e a produção não consegue ser contínua, já que todas mantêm outros trabalhos remunerados.

A LesbÔ não conseguiu se manter economicamente sozinha e, mesmo com a tentativa de arrecadação voluntária de fundos para manutenção do periódico (que não

deu certo), os custos de publicação, impressão da versão física, além da contratação de programas para criação de arte, imagens, não era viável. “Para mim a palavra é frustração, porque é uma coisa muito necessária, que precisa ser feita, só que a gente não tem tempo, não tem financiador, não tem quem entre nessa ajuda de custo para a gente conseguir custear o tempo” (MOURA, 2022)

No caso da Empodere, o dinheiro entrou por um tempo, principalmente através das publicidades anexadas nas edições impressas da revista, porém, o recurso não foi suficiente para bancar a iniciativa e, muito menos, para dar retorno financeiro às criadoras e colaboradoras da revista. “Eu fiz consignado, a gente pegou as próprias economias para lançar a primeira edição, e conseguiu bancar a revista com os anúncios, mas tem todo o custo de diagramação, da manutenção do site, dos impostos, pagamento da impressão, despesa com o correio, toda a questão de uma empresa mesmo” (PAULINO, 2022).

Esperanças

A partir dos diálogos com as criadoras das iniciativas, não restam dúvidas de que muito do que elas são e acreditam foi colocado em suas criaturas, que agora estão em pausa ou caminhando a passos lentos, mas jamais deixadas de lado como um projeto fracassado. Márcia, Rafaella, Maria Eduarda, Mariana e Gia são mulheres com realidades tão diversas, mas de alguma forma, seus sonhos, lutas e frustrações dialogam entre si. O sonho de um mundo em que mulheres diversas possam existir exatamente como são, sem medo, sem violência, sem silenciamentos. O sonho de um jornalismo que escute essas mulheres e deixe-as falar. A luta contra todo um sistema de opressões, a luta contra o machismo, sexismo, racismo, gordofobia, capacitismo, lgbtfobia, e tantas outras formas de discriminação que ceifam diariamente vidas carregadas de sonhos. A luta contra a ditadura do capital e contra, principalmente, as dificuldades financeiras de se fazer um jornalismo com perspectiva de gênero.

REFERÊNCIAS

ALVERNAZ, Mariana: [ago. 2022]. Entrevistadora: A. L. M. Azevedo. Google Meet, 2022. Entrevista concedida para a pesquisa de Iniciação Científica Mapeamento de narrativas jornalísticas feministas.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

FÍGARO, Roseli (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: Eca – USP, 2018.

GUSTAFSON, Jessica. **Jornalistas e feministas - a construção da perspectiva de gênero no Jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V. 14. Florianópolis: Insular, 2019.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **“Falta homem até pra homem”**: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático [pp. 131-157]. In: HEBERLE, Viviane Maria; 47 . A N.07, Vol. 7, ed.007 Dez. 2016/Dez.2017, Ano 2016-17 OSTERMANN, Ana Cristina; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho (Org.). **Linguagem e gênero: no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

MARTINI, Gia: [jul. 2022]. Entrevistadora: A. L. M. Azevedo. Google Meet, 2022. Entrevista concedida para a pesquisa de Iniciação Científica Mapeamento de narrativas jornalísticas feministas.

MOURA, Rafaella; BOIN, Maria Eduarda: [out. 2022]. Entrevistadora: A. L. M. Azevedo. Campo Grande, 2022. Entrevista concedida para a pesquisa de Iniciação Científica Mapeamento de narrativas jornalísticas feministas.

PAULINO, Márcia: [jul. 2022]. Entrevistadora: A. L. M. Azevedo. Google Meet, 2022. Entrevista concedida para a pesquisa de Iniciação Científica “Mapeamento de narrativas jornalísticas feministas”.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. (pp. 49-82).